

**CORIOLOGANO**

**(*Coriolanus*)**



**William  
Shakespeare**

# ÍNDICE



## ATO I

- Cena I — 7
- Cena II — 22
- Cena III — 25
- Cena IV — 32
- Cena V — 37
- Cena VI — 39
- Cena VII — 44
- Cena VIII — 45
- Cena IX — 47
- Cena X — 52

## ATO II

- Cena I — 54
- Cena II — 68
- Cena III — 77

## ATO III

- Cena I — 91

Cena II — 111  
Cena III — 119

#### ATO IV

Cena I — 128  
Cena II — 132  
Cena III — 136  
Cena IV — 139  
Cena V — 141  
Cena VI — 154  
Cena VII — 164

#### ATO V

Cena I — 167  
Cena II — 172  
Cena III — 179  
Cena IV — 189  
Cena V — 194

## PERSONAGENS

**CAIO MÁRCIO**, depois Caio Márcio Coriolano.

**TITO LÁRCIO**, General contra os volscos.

**COMÍNIO**, General contra os volscos.

**MENÊNIO AGRIPA**, amigo de Coriolano.

**SICÍNIO VELUTO**, Tribuno do povo.

**JÚNIO BRUTO**, Tribuno do povo,

O jovem Márcio, filho de Coriolano.

Um arauto romano.

Tulo Aufídio, general dos volscos.

Tenente de Aufídio.

Conspiradores com Aufídio.

Nicanor, um romano.

Um cidadão de Ântio.

Adriano, um volscos.

Dois guardas volscos.

**VOLÚMNIA**, mãe de Coriolano.

**VERGÍLIA**, mulher de Coriolano.

**VALÉRIA**, amiga de Vergília.

Damas, ao serviço de Vergília.

Senadores romanos e volscos, patrícios, edis, lictores, soldados, cidadãos, mensageiros, criados de Aufídio e outros servidores.

# ATO I

## Cena I

*Entra um grupo de cidadãos amotinados, com bastões, varas e outras armas.*

PRIMEIRO CIDADÃO — Antes de irmos adiante, ouvi-me.

TODOS — Falai! Falai!

PRIMEIRO CIDADÃO — Estais mesmo decididos a morrer, de preferência a passar fome?

TODOS — Estamos! Estamos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Inicialmente, sabeis que Caio Márcio é o principal inimigo do povo.

TODOS — Sabemos! Sabemos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Matemo-lo, portanto, e teremos trigo pelo preço que bem entendermos. Resolvido?

TODOS — A esse respeito, nem mais uma palavra. Passemos à ação. Vamos! Vamos!

SEGUNDO CIDADÃO — Uma palavra, bons cidadãos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Somos tidos na conta de cidadãos pobres; só os patrícios é que são bons. O que deixa fartos os dirigentes bastaria para aliviar-nos. Se nos cedessem apenas as sobras deles, que ainda estivessem em boas condições, poderíamos imaginar que eles nos aliviavam humanamente. Mas acham que somos por demais caros. A magreza que nos aflige, retrato de nossa miséria, é como que o inventário minucioso da riqueza de todos eles. Para eles nosso sofrimento é lucro. Vinguemo-nos, portanto, com nossos bastões, antes de ficarmos reduzidos a ripas; pois os deuses sabem que o que me faz dizer isso é a fome de pão, não a sede de vingança.

SEGUNDO CIDADÃO — Quereis agir especialmente contra Caio Márcio?

PRIMEIRO CIDADÃO — Contra ele em primeiro lugar; é um verdadeiro cão para o povo.

SEGUNDO CIDADÃO — Já pensastes nos serviços que ele prestou ao país?

PRIMEIRO CIDADÃO — Perfeitamente, e com muito gosto lhe faria por isso boas referências; mas ele se apaga com o próprio orgulho.

SEGUNDO CIDADÃO — Ora! falai sem maldade.

PRIMEIRO CIDADÃO — É o que vos digo. O que ele fez de glorioso foi apenas para esse fim. Muito embora as pessoas de consciência delicada possam dizer com suficiência que ele fez tudo isso pela pátria, fê-lo para agradar a mãe e por causa do seu próprio orgulho, que, sem dúvida, vai de par com seu merecimento.

SEGUNDO CIDADÃO — Considerais vício nele o que é inerente à sua natureza. Pelo menos não podereis dizer que ele seja cúpido

PRIMEIRO CIDADÃO — Se não posso dizê-lo, nem por isso fico sem acusações contra ele. Tem defeitos de sobra, que cansaria enumerar. (*Gritos ao longe.*) Que gritos serão esses? O outro lado da cidade já se revoltou. E nós que fazemos aqui, a tagarelar? Ao Capitólio!

TODOS — Vamos! Vamos!

PRIMEIRO CIDADÃO — Silêncio! Quem vem aí?

(*Entra Menênio Agripa.*)

SEGUNDO CIDADÃO — É o digno Menênio Agripa. Sempre se mostrou amigo do povo.

PRIMEIRO CIDADÃO — É muito honesto. Quem nos dera que todos fossem como ele.

MENÊIO — Que tendes, meus concidadãos, em mira? Para onde ides com paus e cachaporras? Que se passa? Dizei-me, por obséquio.

PRIMEIRO CIDADÃO — Nossa causa não é desconhecida do senado; nestes quinze dias eles já farejaram o que pretendemos fazer e que vamos mostrar-lhes agora com os próprios fatos. Eles dizem que os suplicantes pobres têm fôlego comprido; mas hão de ver que nossos braços também são compridos.

MENÊIO — Mestres, caros amigos, bons vizinhos, quereis arruinar-nos?

PRIMEIRO CIDADÃO — Isso não será possível, senhor; já estamos arruinados.

MENÊIO — Acreditai-me, amigos: os patrícios têm por vós todos a mais caridosa solicitude. Com respeito a vossas necessidades e o que estais sofrendo com essa carestia, tanto vale bater no céu com todas essas armas, como jogá-las no romano Estado, que seguirá seu curso, arrebrandando dez mil freios mais fortes do que quanta resistência pudésseis antepor-lhe. No que respeita à carestia — os deuses, não os patrícios, são seus causadores — remédio lhe virá de



vossos joelhos, não dos braços. Oh céus! Fostes levados pela calamidade aonde maiores, ainda, vos esperam. Caluniastes os pilotos do Estado, que de todos vós cuidam como pais, sempre zelosos, enquanto os insultais como a inimigos.

PRIMEIRO CIDADÃO — Cuidam de nós? Muito certo, realmente! Nunca se incomodaram conosco; deixam-nos morrer de fome, enquanto seus celeiros estão abarrotados de trigo; promulgam editos sobre a usura, para favorecerem os onzeneiros; revogam diariamente dispositivos estabelecidos contra os ricos e promulgam todos os dias estatutos cada vez mais vexatórios, para encadear e oprimir o povo. Se as guerras não nos devorarem antes, eles o farão. É esse todo o amor que revelam a nosso respeito.

MENÊIO — De duas uma: ou confessais que sois muito maldosos, ou tolos por demais. Vou relatar-vos uma fábula muito interessante. Decerto a conheceis; mas como serve muito bem a meus fins, vou arriscar-me a contá-la de novo.

PRIMEIRO CIDADÃO — Muito bem; vamos ouvi-la, senhor; mas não vades imaginar que podereis chasquear de nossa miséria com uma fabulazinha qualquer. Não tem importância; quando quiserdes podereis principiar.

MENÊIO — Contra o estômago os membros se insurgiram certo dia, acusando-o de no meio

do corpo colocar-se, preguiçoso sempre e inativo, e, como sorvedouro, absorver, insaciável, a comida, sem nunca contribuir com sua parte para o comum trabalho, enquanto os outros órgãos viam, andavam, refletiam, sentiam e falavam, contribuindo cada um, assim, com sua parte, para proverem às comuns necessidades e apetites do corpo. Respondeu-lhes o estômago...

PRIMEIRO CIDADÃO — Ora bem, senhor: qual foi a resposta do estômago?

MENÊIO — Vou dizer-vos, senhor. Com uma espécie de sorriso, que não se originava dos pulmões, um sorriso deste modo — pois, no final de contas, tanto posso dotar o estômago de fala como fazer que ele sorria — com um sorriso desdenhoso falou aos insurrectos, aos membros sediciosos que invejavam suas atividades absorventes, tal como ora fazeis, só por maldade, com nossos senadores, por não serem em tudo iguais a vós.

PRIMEIRO CIDADÃO — Mas a resposta do estômago? Que disse? Se a cabeça de real coroa, os olhos vigilantes, o conselheiro coração, os braços nossos soldados, os corcéis — as pernas — a língua nosso trombeteiro e as outras aparelhagens e menores peças de nossa construção, se todos, disse...

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

